

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA  
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA ANALÍTICA**

**MARIANNA DE MACEDO CURI ZAHLE LARSEN  
mariannapsi.78@gmail.com**

**FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE**

**CURITIBA  
2018**

**MARIANNA DE MACEDO CURI ZAHLE LARSEN**

mariannapsi.78@gmail.com

**FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada no curso de Pós-Graduação em Psicologia Analítica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, para obtenção do título de especialista.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ms. Andrea de Alvarenga Lima

**CURITIBA**

**2018**

**MARIANNA DE MACEDO CURI ZAHLE LARSEN**

mariannapsi.78@gmail.com

**FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Analítica do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção de Especialista

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Ms. Andrea de Alvarenga Lima

---

  

---

  

---

Dedico este trabalho aos meus filhos e aos meus pais.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço minha família e aos amigos especiais pelo apoio e muita paciência.

Agradeço especialmente à Profª Ms. Andrea de Alvarenga Lima por toda dedicação, direcionamento, acolhimento e imensa disposição em dividir seus conhecimentos.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal olhar, através da perspectiva junguiana, para a questão da mulher contemporânea que, de alguma forma se sente desconectada da sua feminilidade, seja parcial ou totalmente. Na tentativa de compreender essa temática foi realizada uma pesquisa bibliográfica onde, a princípio, foram conceituados os termos “feminino”, “feminilidade” e “mulher”. Com o objetivo de entender como ocorre essa incoerência entre a mulher e feminilidade e seus significados, foram visitados os conceitos de anima e animus, que são dois dos aspectos do inconsciente do indivíduo segundo Jung e que tem uma relação com aspectos de feminino e masculino. Também foi realizado levantamento de informações acerca destes dois conceitos (feminino e masculino) para compreensão da relação existente entre os atributos da mulher e a visão da sociedade atual, e como tal sociedade influencia a forma mulheres lidam com o mundo em que vivem, seja de forma consciente ou não.

Palavras-chave: Feminino. Feminilidade. Mulher. Animus. Anima.

## **ABSTRACT**

The present work has as its main goal to examine, through the Jungian Psychology perspective, the issue of the contemporary woman, which somehow feels partially or completely disconnected from her femininity. In order to comprehend this thematic, a bibliographic research has been made, where, firstly, the terms “feminine”, “femininity” and “woman” were delimited. Intending to understand how the disconnection between women, femininity and its meanings happens, furthermore, the concepts of anima and animus were visited. The anima and the animus are, according to Jung, two of the aspects from the subject unconscious, which have an intimate relation with both feminine and masculine. Therefore, a research about both of these terms (feminine and masculine) was also made, with the purpose to conceive the relation between women characteristics and the current society mindset, and specially how this society influences the way women deal with the environment, in a conscious or unconscious mean.

**Keywords:** Female. Femininity. Woman. Anima. Animus.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1 FEMININO, FEMINILIDADE E MULHER: REFERÊNCIAS CONCEITUAIS.....</b>	<b>10</b>
<b>2 ANIMA, ANIMUS E A RELAÇÃO DOS OPOSTOS COMPLEMENTARES.....</b>	<b>16</b>
<b>3 FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE: DESENCONTRO DA MULHER COM A FEMINILIDADE.....</b>	<b>21</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

Falta espaço para os sofrimentos da alma. A sociedade atual vive um momento de desconexão tão grande, que as questões anímicas não encontram compreensão, reconhecimento e ainda menos valorização. Ao idealizar o trabalho a respeito do *feminino* neste contexto, não era previsível a complexidade que se apresentaria.

Na experiência clínica e também história de vida pessoal da autora, percebeu-se em muitas mulheres uma atitude contraditória ou paradoxal frente ao o que chamamos de *feminino*. Por um lado, se esforçam para manter distância da sua feminilidade, tornando-a estranha ou desnecessária; por outro, não querem desprezar este lado *feminino* de suas vidas.

Jung foi, em certos aspectos, um autor revolucionário ao falar sobre o feminino e articular psicologicamente diferenças e implicações existentes entre masculino e feminino arquetípicos. É no intuito de melhor compreender essas mulheres contemporâneas que desdenham de sua própria feminilidade e de tudo aquilo que pertence ao campo do feminino, entrando em competição com o masculino, que o presente trabalho se volta para o referencial da Psicologia Analítica.

A possibilidade contemplada pela Psicologia Analítica de diferenciar os aspectos do feminino/masculino dos conceitos de gênero é, ao mesmo tempo, uma bem-vinda contribuição, bem como um ponto que apresenta dificuldade, quando se entra em contato com os próprios escritos de Jung. Ainda que Jung tivesse uma visão complexa e paradoxal do feminino, estava inserido num contexto em que a mulher não tinha conquistado o espaço que hoje possui. Mesmo tendo vivido rodeado de mulheres, muitas das quais foram grandes pesquisadoras e divulgaram a Psicologia Analítica e suas próprias pesquisas no campo dos estudos junguianos, Jung não foi o que se pode dizer um “ponto fora da curva”, e em diversos momentos, pensou e se pronunciou, em relação às mulheres, colocando-as, de um jeito ou outro, sob a autonomia do masculino e, assim, inserido no contexto do seu tempo:

Portanto, não há “mulher na Europa” sem o homem e seu mundo. Se ela for casada, geralmente dependerá economicamente do marido; se for solteira e autossuficiente, dona de sua vida, exercerá uma profissão previamente

designada pelo homem. E, se não estiver disposta a sacrificar toda a sua vida erótica, ei-la de novo às voltas com uma relação essencial com o homem. De várias maneiras a mulher está indissolivelmente unida ao mundo dos homens e, conseqüentemente, tão exposta quanto o homem a tudo que pode abalar o mundo. (JUNG, 2017c, 10/3, § 240, p.127)

Muito vem sendo discutido a respeito do feminino e do masculino por linhas de pesquisa em Psicologia Social, voltadas para questões de gênero e identidade. Tais estudos, no entanto, ainda que reconhecidamente apresentem pontos de convergência com o presente trabalho, fogem ao escopo desta pesquisa, e não serão, conseqüentemente, abordados. Trata-se de um tema que, ao aprofundar-se, adentra um universo teórico denso.

Ante ao interesse que o tema tem despertado nos meios acadêmicos, assiste-se a um aumento na multiplicidade de perspectivas teóricas que se debruçam sobre ele. Para compreender o feminino por meio do arcabouço conceitual da psicologia analítica, o primeiro capítulo tem por objetivo ao mesmo tempo em que faz a delimitação dos conceitos de feminino, feminilidade e mulher, refletir sobre a maneira como estes aspectos se influenciam e sobrepõem.

É por meio da questão dos opostos psicológicos que Jung apresenta muitas das suas maiores contribuições à compreensão das relação existente entre feminino e masculino. O segundo capítulo discorre sobre a construção dos conceitos de anima e animus na obra de Jung, através do conceito de sizígia e da noção de complementariedade de opostos.

O terceiro capítulo, finalmente, tendo por horizonte a perspectiva Junguiana, se volta à questão central do trabalho para apresentar questionamentos em relação à experiência contemporânea do feminino. ao distanciamento da mulher com sua feminilidade e do distanciamento do feminino em nossa sociedade.

## 1 FEMININO, FEMINILIDADE E MULHER: REFERÊNCIAS CONCEITUAIS

O feminino é um assunto que gera polêmica e diversos debates, despertando interesse tanto no senso comum, quanto em diferentes áreas de pesquisa, como filosofia, sociologia, antropologia, na própria psicologia, entre outros. Para a Psicologia Analítica não é diferente, em especial, pelo fato de que o feminino foi sempre um tema muito forte e presente no pensamento, mas também na vida do próprio Jung.

Tendo em vista a multiplicidade de sentidos que a expressão da palavra “feminino” adquire na atualidade e, conseqüentemente, a suas implicações na significação de gênero, faz-se necessário estabelecer, para este texto, algumas diferenciações fundamentais. Termos como feminino, feminilidade e mulher não devem ser confundidos.

Como ponto de partida, assinala-se que, ao se falar de mulher e, em contrapartida, de homem, fala-se do ser biológico que se apresenta com um corpo físico ao mundo externo com características físicas específicas.

Houaiss e Villar (2001, p. 1975) esclarece o sentido da expressão “mulher”:

substantivo feminino

1 indivíduo do sexo feminino, considerado do ponto de vista das características biológicas, do aspecto ou forma corporal, como tipo representativo de determinada região geográfica, época etc.

O termo feminilidade, por sua vez, abrange a um aspecto mais temporal e social da representação do que é esperado da mulher em certo contexto (histórico/social/grupo). Como a feminilidade está ligada a uma ideia de contexto social e histórico, estes aspectos que podem ser diferentes entre culturas ou mesmo grupos.

Ao se diferenciar e explicar cada termo, fica claro como cada um implica e influencia o outro. Quando se fala sobre mulher, essa ideia está sempre muito atrelada a essas expectativas sociais que aqui se coloca como feminilidade.

A divisão universal da comunidade humana em dois sexos, marcada por sinais e símbolos de gênero, têm efeitos duradouros e poderosos em nosso funcionamento psicológico como indivíduos, casais e grupos. Nós não apenas nascemos em meio a histórias contínuas sobre nosso sexo e o sexo

oposto, histórias que reprimem e engendram possibilidades de ação e identidade, mas também formamos fortes imagens internas de feminilidade e masculinidade. Enquanto nos identificamos com um, desenvolvemos um complexo inconsciente em torno do Outro (EISENDRATH, 2002, p. 213)

Para refletir sobre as mulheres e a feminilidade nos dias de hoje, há que se ter em conta o impacto do modelo social patriarcal no qual nossa história foi forjada. Apenas para evitar distorções de ordem conceitual, deixa-se claro que para os efeitos deste trabalho, a expressão “patriarcado” é aqui tomada no seu sentido antropológico; como, p. ex., cita-se, Houaiss e Villar (2011, p. 2150):

Rubrica: antropologia:  
forma de organização social em que a descendência reconhecida é patrilinear  
Rubrica: antropologia:  
sociedade ou comunidade baseada nesse tipo de organização social

Sob a ótica junguiana, a distinção entre feminilidade e masculinidade aparecerá muito mais acentuada a partir de um aspecto psíquico: são noções que não estão em relação *biológica* com o corpo do homem ou da mulher. Esse é o entendimento de Woodman (2002, p. 10-11):

Masculinidade e feminilidade nada têm a ver com reserva de propriedade de um corpo masculino ou feminino. Se somos biologicamente mulheres, o ego é feminino e, dentro de nós, carregamos nossa própria masculinidade, que Jung chama de animus. Se somos biologicamente homens, o ego é masculino e carregamos em nosso interior nossa própria feminilidade, a anima. Masculinidade e feminilidade não são uma questão de gênero, embora, historicamente, em nossa cultura ocidental sua antiga identificação com o gênero ainda nos dificulte vê-las dessa maneira “liberada” [...] É mais uma questão de diferenciação psíquica que biológica.

Para falar de desconexão com a feminilidade, como este trabalho se propõe a fazer, é importante diferenciar feminilidade de feminino. Ambos os termos fazem referência a aspectos do coletivo, porém, quando se fala de feminino refere-se aos aspectos atemporais da psique. Aquilo que se diz pertencer ao "universo do feminino", é apreendido através das múltiplas imagens de mitos e religiões dos mais variados povos. O feminino é, portanto, arquetípico.

[...] podemos compreender mais claramente o fator que é tão decisivo para a vida psíquica, a saber, o arquétipo. Logicamente este termo não é usado para denotar uma ideia herdada, mas sim um modo herdado de funcionamento psíquico, correspondente àquela maneira inata de acordo com a qual o pinto emerge do ovo, o pássaro constrói seu ninho, uma certa

espécie de vespa ferroa o gânglio motor da lagarta e as enguias acham o caminho das Bermudas. Em outras palavras, é um “modelo de comportamento”. Esse aspecto do arquétipo é um aspecto biológico, e é objeto da psicologia científica. Mas o quadro muda completamente quando visto de dentro, isto é, a partir do reino da psique subjetiva. Aqui o arquétipo apresenta-se como numinoso, isto é, aparece como uma experiência de importância fundamental. (JUNG, 1985, p.16-17)

Os diversos aspectos do feminino são descritos pelas religiões, mitos, costumes, crenças e fazem parte do coletivo, e se encontram potencialmente presentes na psique de todos, homens e mulheres. Em termos arquetípicos, o feminino está relacionado com o que é da natureza, dos mistérios, da intuição; em contrapartida, o masculino representa razão, obstinação, aquilo que é incisivo. Feminino seria acolhimento; masculino, atuação.

Fala-se de um ser biológico (mulher) inserido em um contexto social (patriarcado), mas para compreender como esse contexto social exerceu e exerce influência neste indivíduo, é necessário falar dos aspectos já citados, que pertencem ao campo do feminino e do masculino arquetípicos, questões que vão além do que é do externo e do social, mas que fazem parte do substrato coletivo da psique.

Conforme já mencionado, todos os indivíduos contêm em si aspectos do feminino e do masculino. Jung acentua que, independentemente da identificação de gênero, todos têm essa relação com este “outro eu” inconsciente. Para os homens, seria sua parcela de feminino, chamada de Anima; e para as mulheres, o oposto, sua parcela de masculinidade, apresentada no Animus. Esse assunto será abordado no segundo capítulo, porém, cabe aqui compreender do que falamos quando nos referimos aos aspectos arquetípicos do feminino ou do masculino.

*Cada homem sempre carregou dentro de si a imagem da mulher, não é a imagem desta determinada mulher, mas a imagem de uma determinada mulher. Esta imagem, examinada a fundo, é uma massa hereditária inconsciente, gravada no sistema vital e proveniente de eras remotíssimas; é um “tipo” (“arquétipo”) de todas as experiências que a série dos antepassados teve com o ser feminino, é um precipitado que se formou de todas as impressões causadas pela mulher, é um sistema de adaptação transmitido por hereditariedade. Se já não existissem mulheres, seria possível, a qualquer tempo, indicar como uma mulher deveria ser dotada do ponto de vista psíquico, tomando como ponto de partida essa imagem inconsciente. O mesmo vale também para a mulher, pois ela carrega igualmente dentro de si uma imagem inata de homem. A experiência, porém, nos ensina a sermos mais exatos: é uma imagem de homens, enquanto que no homem se trata de uma imagem da mulher. (JUNG, 2017e, 17, § 338, p. 210)*

Compreendendo que feminino arquetípico representa não só as imagens de referências às figuras do sexo feminino como também significados e representações que são atribuídas ao feminino, Jung refere-se a esse feminino como Eros, um princípio psíquico de relação, que corresponde à subjetividade, ao que é obscuro, às questões intuitivas.

[...] o “eternamente feminino”, o mundo daquilo que a filosofia chinesa chama de YIN, compensador e complementar, diferente do mundo masculino do Yang, meramente racional, consciente e determinado pela vontade, energético e objetivo. (WHITMONT, 2014, p. 22)

Para a psicologia analítica, o feminino e, por extensão o masculino, fazem parte de uma estrutura que se complementa e que está contida não só nos indivíduos, mas em todas as coisas. Tal qual a relação do princípio de Yin/Yang é à relação complementar dos princípios do feminino/masculino que também podem ser apresentados como a relação entre Eros e Logos.

Partindo de considerações puramente psicológicas, tentei em diversos outros lugares caracterizar a consciência masculina por meio do conceito de logos e a feminina pelo Eros. Nessa tarefa procurei entender por “Logos” o distinguir, o julgar, o reconhecer, e por “Eros” o colocar-em-relação (relacionar). Os dois conceitos tinham para mim valor de concepções intuitivas, que não podem ser definidas de maneira exata ou exaustiva; isto é certamente lamentável do ponto de vista científico, mas é até valioso do ponto de vista prático, uma vez que os dois conceitos caracterizam de certo modo um domínio experimental de definição igualmente difícil. (JUNG, 2017d, 14/1, § 218, p. 240)

Percebe-se com maior clareza a dificuldade encontrada na hora de conceituar mulher, feminilidade e feminino quando se compreende o conceito de feminino arquetípico, pois entende-se que estes aspectos estão presentes tanto em homens quanto em mulheres e que somos influenciados nas nossas noções de feminilidade pelo que é do contexto social, é compreensível que os aspectos do feminino influenciem as noções de feminilidade e, também, no que é esperado como características de feminino, feminilidade e mulher.

Quando o homem descobre a sua anima e tem de brigar com ela, ele precisa aceitar algo que para ele até então tinha pouco valor – neste caso, não faz muita diferença que a figura da anima, seja ela imagem ou pessoa, aja de maneira fascinante, atraente, e, portanto, valiosa. Muitas vezes o feminino em si teve até agora em nosso mundo, quando comparado ao masculino, o valor de algo inferior, e somente agora começa-se a se fazer justiça a ele. Expressões como “apenas uma garota” ou “uma moça não faz

uma coisa dessas”, um comportamento que o representa como desprezível e inferior, são bastante característicos. Também nas nossas leis, nas quais até pouco tempo atrás e em muitos lugares até hoje o homem declaradamente precede a mulher, tem mais direitos, é seu tutor etc., essa concepção era universalmente dominante. (JUNG, 2006, p. 36)

Desta forma, quando se fala da mulher da contemporaneidade, é preciso contextualizar em quais valores sociais e psíquicos ela e a sociedade em que vive estão inseridos. No Brasil de hoje, ainda perpetuam-se resquícios do patriarcado, em que são valorizados os aspectos do masculino: vive-se, por um lado, a sociedade da astúcia, da violência e da força física; e, por outro, da ciência, da pesquisa, comprovação, da razão.

Neste universo, homens e mulheres aprendem que objetividade ganha de subjetividade, afetos não devem ter prioridade. Desta forma, quando se fala do patriarcado desvalorizando o feminino, não se fala deste movimento ocorrendo somente para as mulheres. Aqui fica claro que aspectos do masculino e do feminino não pertencem a gênero, pois são universais, e valorizados ou não para todos. Sendo assim, nota-se que tudo que pertence ao universo do feminino é desvalorizado tanto para os homens quanto para as mulheres.

Os valores socialmente reforçados são os valores descritos como masculinos e cada vez mais os do campo do feminino; os instintos e as emoções são colocados como secundários, atores coadjuvantes neste cenário. Esses valores, no entanto, não desaparecem. Em um universo em que existe uma dualidade, há a possibilidade de um movimento estar em alta enquanto outro seja desvalorizado, porém não deixa de existir. “O homem considera uma virtude reprimir da melhor maneira possível seus traços femininos. Analogamente, a mulher, até há pouco tempo considerava inconveniente ser varonil” (JUNG, 2015, 7/2, § 297, p. 79).

Ao longo do último século, no entanto, não foram poucas as mulheres que julgaram conveniente e até necessário se identificar com aspectos do masculino. Elas acreditavam que uma mulher precisava ser forte e destemida, e, constante e compensatoriamente provar algo para alguém. Filhas e netas dessas mulheres ainda carregam essa informação e reproduzem esse mesmo discurso.

As expressões que desvalorizam o que é relacionado ao feminino são importante ponto de discussões em grupos atuais sobre o feminino e a feminilidade. Existe todo um movimento nas mídias tentando, por meio de grupos de discussão e

propagandas na internet, ressignificar expressões como “lutar como uma garota” ou “correr como uma garota”, tradicionalmente indicativas de fraqueza e inaptidão.

Em consequência, o homem, quando estabelece relações com sua anima, tem igualmente que descer do pedestal em que está, tem que vencer uma resistência, superar seu orgulho, quando ele reconhece “a senhora”, segundo Spitteler, ou “she-that-must-be-obeyed”, como a chama Ryder Haggard. Com a mulher é diferente. Não se chama o animus de “he-that-must-be-obeyed”, antes pelo contrário, pois instintivamente é demasiado óbvio para a mulher obedecer à autoridade do animus, ou também do homem, com subserviência de escrava. A concepção de que o masculino tem que em si mais valor que o feminino está em seu sangue, por mais que ela conscientemente pense de outra maneira, e contribui muito para acentuar o poder do animus. O que temos que superar em relação ao animus não é o orgulho, mas sim a falta de autoconfiança e a resistência da intolerância. Para nós não é como se tivéssemos que subir a montanha (a não ser quando se é idêntica ao animus), mas como se tivéssemos que provar nosso valor, o que frequentemente requer coragem, ou força de vontade. (JUNG, 2006, p. 36)

É neste contexto de uma sociedade que valoriza a razão, ciência, ação, aquilo que se pode comprovar cientificamente que as mulheres da contemporaneidade, objeto de interesse do presente trabalho, estão inseridas.

## 2 ANIMA, ANIMUS E A RELAÇÃO DOS OPOSTOS COMPLEMENTARES

Jung, em *Memórias, sonho e reflexões*, quando discorre sobre o *confronto com o inconsciente*, conta sobre o seu primeiro contato com uma figura feminina interna e como isso lhe provoca reações e sentimentos de confronto, como se conversasse com uma mulher com uma personalidade diferente da sua, no entanto, era o seu “eu”. Para a figura feminina existente em cada homem, Jung denominou “Anima” e para a figura masculina da mulher, “Animus”.

Sentia-me extremamente interessado pelo fato de que uma mulher, que provinha de meu íntimo, se imiscuísse em meus pensamentos. Refleti que provavelmente se tratava da “alma”, no sentido primitivo do termo, e perguntei a mim mesmo por que a alma foi designada com o nome de anima. Por que é representada como sendo feminina? Compreendi mais tarde que esta figuração feminina em mim correspondia a uma personificação típica ou arquetípica no inconsciente do homem, designei-a pelo termo anima. À figura correspondente, no inconsciente da mulher, chamei animus. (JUNG, 2016, p. 231)

Por meio da elaboração teórica dessas experiências, Jung virá a postular que dentro de cada indivíduo existe um aspecto, uma força interna, que tem autonomia, como uma outra figura, mas que faz parte dele. Esse outro, é detentor de personalidade, que sempre será oposta ao indivíduo. Se a consciência se identifica com o masculino, é uma personalidade feminina. Se a identificação é com o feminino, o outro necessariamente será masculino.

A ideia de uma complementariedade entre uma figura masculina e feminina aparece no mito do andrógino<sup>1</sup>, que é descrito no *Banquete de Platão* (PLATÃO

---

<sup>1</sup> “Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não dois como agora, o masculino e o feminino, mas também havia a mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto agora nada mais é que um nome posto em desonra. [...] Eram por conseguinte de uma força e de um vigor terríveis, e uma grande presunção eles tinham; mas voltaram-se contra os deuses, e o que diz Homero de Efiltes e de Otes é a eles que se refere, a tentativa de fazer uma escalada ao céu, para investir contra os deuses. Zeus então e os demais deuses puseram-se a deliberar sobre o que se devia fazer com eles, e embaraçavam-se; não podiam nem mata-los e, após fulminá-los como aos gigantes, fazer desaparecer-lhes a raça - pois as honras e os templos que lhes vinham dos homens desapareceriam — nem permitir-lhes que continuassem na impiedade. Depois de laboriosa reflexão, diz Zeus: ‘Acho que tenho um meio de fazer com que os homens possam existir, mas parem com a intemperança, tornados mais fracos. Agora com efeito, eu os cortarei a cada um em dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós, pelo fato de se terem tomado mais numerosos; e andarão eretos, sobre duas pernas. Se ainda pensarem em arrogância e não quiserem acomodar-se, de novo, disse ele, eu os

2000). Neste texto, através de uma alegoria, é contada a história do surgimento dos gêneros masculino e feminino, ocorrendo pela divisão de um terceiro gênero, o do andrógono. Na história, o andrógono seria uma forma de humanidade resultante da junção do que conhecemos por homem e mulher, e seria, por isso, um ser superior. Conta o mito que por conta de sua arrogância, eles tentam investir contra os deuses, e sofrem uma punição. Zeus propõe um castigo que serve, ao mesmo tempo, para punir a humanidade e, também, servir aos deuses através do aumento o número de humanos para servi-los: divide cada andrógono em dois, cortando-os ao meio. Depois do castigo, cada metade está fadada a passar toda a eternidade na ansiedade de voltar a ser novamente completo.

Essa noção de um todo originário que se biparte em opostos que se complementam apresentada pelo mito, está também presente na obra de Jung, quando fala sobre anima e animus como instâncias complementares à consciência do eu.

Em sua obra *Mysterium Coniunctionis*, Jung aborda, por meio da análise do vasto simbolismo alquímico, a questão dos opostos psíquicos e da forma como eles se relacionam e conjugam. Logo no capítulo inicial, em que apresenta os componentes da **coniunctio**<sup>2</sup>, Jung descreve que os mesmos são sempre concebidos como opostos que se atraem ou que se repelem, sendo que, se existe atração, esta união ocorre por amor; se existe oposição, por animosidade (JUNG, 2017d, 14/1).

---

cortarei em dois, e assim sobre uma só perna eles andarão, saltitando.' [...] Por conseguinte, desde que a nossa natureza se mutilou em duas, ansiava cada um por sua própria metade e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro. [...] Cada um de nós portanto é uma tábua complementar de um homem, porque cortado como os linguados, de um só em dois; e procura então cada um o seu próprio complemento. Anteriormente, como estou dizendo, nós éramos um só, e agora é que, por causa da nossa injustiça, fomos separados pelo deus, e como o foram os árcades pelos lacedemônios; é de temer então, se não formos moderados para com os deuses, que de novo sejamos fendidos em dois, e perambulamos tais quais os que nas estelas estão talhados de perfil, serrados na linha do nariz, como os ossos que se fendem Pois bem, em vista dessas eventualidades todo homem deve a todos exortar à piedade para com os deuses, a fim de que evitemos uma e alcancemos a outra, na medida em que o Amor nos dirige e comanda." (PLATÃO, 2000, p. 20-23).

<sup>2</sup> Coniunctio é um termo da alquimia que descreve a junção de duas substâncias que se unem para criar uma terceira com propriedades distintas. "O papel fundamental que a alquimia atribui à ideia do matrimônio místico não nos surpreenderá, se atentarmos para o seguinte: a expressão coniunctio usada frequentemente para designá-la significa, antes de mais nada, aquilo que hoje chamamos de ligação química e aquilo que atrai os corpos a serem ligados entre si e hoje é chamado afinidade. [...] Ao triunfo tardio dessa ideia alquímica, acrescenta-se mais uma honrosa constatação, a de outro pensamento central da arte de fazer ouro, ou seja, a transmutabilidade dos elementos químicos." (JUNG, 2017a, 16/2, § 353, p. 50-51).

O termo Sízígia<sup>3</sup> (conjunção, união) é muitas vezes utilizado para falar sobre essa relação de opostos, principalmente referindo à relação entre consciente/inconsciente, sobre o eu/Outro, feminino/masculino. É o conceito de sízígia, como união entre opostos, que Jung vai utilizar para discorrer sobre a polaridade masculino-feminino, e falar sobre anima e sua relação com o masculino, e animus com o feminino. Jung considera que temos em nós tanto o masculino quanto feminino: ao nos identificarmos com um dos polos, no entanto, perdemos contato com o outro. A consciência do eu estaria, assim, como os seres andróginos do mito, separada (inconsciente) da sua outra parte e fadada a buscar sua complementariedade no polo oposto (JUNG, 2017d, 14/1).

Como, porém, a anima é um arquétipo que se manifesta no homem, é de supor-se que na mulher há um correlato, porque do mesmo modo que o homem é compensado pelo feminino, assim também a mulher o é pelo masculino. Com esta definição não pretendo, porém, suscitar a ideia de que tal relação compensadora foi obtida por dedução. Pelo contrário, foram necessárias numerosas e demoradas experiências para captar empiricamente a natureza da anima e do animus. (JUNG, 2017b, 9/2, § 27, p. 26)

Importa salientar que, segundo Jung, Animus e Anima são arquétipos estruturais da psique. Isso implica que Anima e Animus fazem parte de todos, atuam no inconsciente; e se fazem conhecer de forma projetiva no sexo oposto. A relação anima-animus, independentemente de ser positiva ou negativa, é sempre “animosa”, isto é, emocional (JUNG, 2017b, 9/2, § 31, p. 28).

Essas projeções são resultados das vivências pessoais e do inconsciente coletivo e irão determinar muitas das escolhas e relações que cada indivíduo terá com o sexo oposto e, também, a maneira de perceber o mundo em relação aos aspectos do universo do feminino e masculino. A qualidade com a qual a projeção de anima e de animus empresta aos fenômenos pode ser percebida através da forma como as relações se dão, do tratamento de assuntos do universo oposto, e do

---

<sup>3</sup> Historicamente encontramos a anima nas sízígias (syzygos: acasalados, unidos; sygygia: coniugatio.) divinas, nos pares divinos masculino-femininos. Estes mergulham, por um lado, nas obscuridades da mitologia primitiva e, por outro, elevam-se nas especulações filosóficas do gnosticismo e da filosofia chinesa, onde o par cosmogônico de conceitos é denominado yang (masculino) e yin (feminino). Podemos afirmar tranquilamente, acerca dessas sízígias, que elas são tão universais como a existência de homens e mulheres. Deste fato, naturalmente, resulta que a imaginação está presa a esse motivo de tal forma que em todo o tempo e lugar ela é motivada a projetá-la sempre de novo (JUNG, 2014, 9/1, §120, p. 68-69).

modo de lidar com adversidades e exclusividades do outro gênero. Na acentuação de cada tratativa pode ser mais ou menos visível a influência da anima ou animus (JUNG, 2017b, 9/2).

A primeira noção de anima como o lado contrassexual do homem é concebida numa fantasia de opostos. Homens e mulheres são opostos, consciente e inconsciente são opostos. Estas oposições são mais especificamente caracterizadas por outras: uma consciência jovial tem uma figura de anima mais idosa; um adulto forma o par com uma imagem de sóror semelhante de si em idade; a consciência senil encontra correspondência numa menina. (HILLMAN, 1995, p. 23)

A contribuição de Hillman para a questão dos opostos é que devem ser entendidos como partes irregulares, distintas. Nem sempre buscando lados contrários e nem sempre se completando. O oposto é o diferente, dissemelhante, como a objetividade e a sensibilidade, ou o racional e o instinto, e tantas outras formas de materializar a expressão dos opostos. A anima é o oposto do masculino, trazendo então características da expressão feminina. A anima é emocional, se possível fosse resumir a uma única qualidade. O animus por sua vez, se esconde no feminino, ou seja, é seu contrário. Pragmaticamente, seria visto como detentor de razão, caso se apoderasse de um único atributo.

[...] a anima como uma síndrome de traços femininos inferiores ou excessivos é menos evidente na medida em que a cultura se movimenta em direção à incorporação de atitudes “tipicamente anima” em seus valores coletivos. Não devemos portanto identificar uma descrição de anima num período da história rigidamente patriarcal, puritanamente defensivo, extrovertidamente intencional e desalmado com sua definição. Mesmo se a anima exagera e mitologiza, sua influencia nas relações emocionais de hoje, quando a interioridade da alma e contrassexualidade são um requisito, aparecerá diferentemente e será governada por outros mitos. A tarefa agora é descobrir quais descrições lhe são apropriadas nesta época e de que forma ela mitologiza hoje. (HILLMAN, 1995, p. 27)

Pode-se sintetizar as faculdades da anima ao observar como ela se apresenta misteriosa, as vezes expansiva, toda natureza, cuidadosa, materna e afetuosa. Ela é o lado oposto à masculinidade, mas que está presente no masculino, como contraponto, como personalidade adicional, presente em todos os masculinos. O animus, então, o que seria além da personalidade oposta ao feminino? O objetivo, a razão, estabilidade e ponderação.

O animus é o corolário da alma do homem e representa a “masculinidade recessiva” ou aspecto Yang da mulher, seu ímpeto de ação, sua capacidade de julgamento e discriminação. Quando essas funções não são suficientemente conscientes, a mulher julga as pessoas, as coisas e as circunstâncias - mas especialmente os homens – pela autoridade da imagem inconsciente e pelo padrão emocional esperado ligado àquela imagem, e não por suas qualidades. Assim como o homem dominado pela alma é melancólico, inseguro e retraído, a mulher conduzida pelo animus é governada por preconceitos, noções e expectativas preconcebidas e é dogmática, argumentadora e hipergeneralizadora. Uma mulher possuída pelo animus não discute para descobrir a verdade, mas para mostrar que está “certa”, vencer e ter a última palavra. Ela prefere estar certa num argumento a levar a sério o relacionamento humano. A vida e os homens são julgados e rejeitados se não se encaixarem nos moldes de suas noções preconcebidas. (WHITMONT, 2014, p. 179)

É fundamental a compreensão de que alma e animus pertencem ao coletivo e não exclusivamente ao universo pessoal da mulher e do homem. Sendo assim, é possível verificar que a desconexão masculino/feminino é perpassada pelos aspectos assinalados nos primeiros capítulos de que não são questões só de um universo biológico individual e sim coletivo e também inconsciente. Esta distonia entre masculino/feminino é correlata à desconexão consciente/inconsciente, corpo/alma.

Revedo, assim, aqui a ideia construída no mito do andrógino, de que buscamos ser um, completo nas metades, nas duplas opostas das sizíguas, que vamos olhar a mulher na contemporaneidade, que se entende desconetada de sua feminilidade.

### 3 FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE: DESENCONTRO DA MULHER COM A FEMINILIDADE

Nestes últimos cem anos, desde o tempo que Jung escreve, a situação social das mulheres transformou-se consideravelmente. Hoje as mulheres são chefes de família, exercem muitos cargos de liderança no mercado de trabalho, são grande maioria em instituições universitárias. São grandes as conquistas, o que não minimiza o longo caminho ainda por percorrer em direção a um *status* social condizente com seus anseios, ainda que as conquistas sejam muito recentes.

Para poder entrar no tema do presente trabalho, onde a mulher da contemporaneidade se percebe desconfortável ou em contradição com a feminilidade, na forma de adaptar-se às demandas do meio em que vive, busca-se em Jung o conceito de *persona*.

O mapeamento conceitual efetuado nos capítulos anteriores nos instrumenta, neste momento, a abordar a questão principal a ser discutida no presente trabalho, sobre o desencontro da mulher contemporânea com sua feminilidade, porém, cabe aqui falar sobre o conceito de *persona*.

O termo *persona* é tomado de empréstimo da ideia das máscaras utilizadas nos teatros pelos atores, justamente para mostrar os diferentes papéis que o indivíduo deveria interpretar de forma a ajustar-se nas diferentes interações sociais. É definido por Sharp (1997, p. 118-121) como um complexo funcional que tem a finalidade de uma adaptação ao social ou conveniência pessoal. “Aquilo que na realidade não somos, mas aquilo que tanto nós como os outros pensamos que somos.”.

Já Jung (2017f, 6, § 752-761, p. 424-430), ao discorrer sobre a noção de individualidade e a *persona*, descreve como ocorre essa ideia daquilo que o indivíduo compreende como sua “personalidade” no qual ele sofre uma influência do meio em que está inserido, no caso atuando com sua *persona* e também projeta e atua inconscientemente conforme sua *anima/animus*. O indivíduo se relaciona com o mundo exterior por meio destas “máscaras” conforme as exigências dos meios em que convive sem perceber as influências que sofre dos seus processos inconscientes.

Já se falou anteriormente sobre a relação anima/animus, homem/mulher de forma a ressaltar aqui que não só o ambiente externo que determina as maneiras de nos relacionarmos com o mundo e com os outros, mas também os componentes internos interferem.

É preciso distinguir bem entre a relação do indivíduo com o objeto externo e a relação com o sujeito. Entendo por sujeito, em primeiro lugar, aquela emoção vaga e obscura, sentimentos, pensamentos e sensações que não nos advêm comprovadamente da continuidade da vivência consciente com o objeto, mas que, provindo do íntimo obscuro, dos planos de fundo da consciência, perturbam ou inibem e, por vezes, ajudam, constituindo, em sua totalidade, a percepção da vida do inconsciente. O sujeito considerado como "objeto interno" é o inconsciente. Assim como há um relacionamento com o objeto externo, uma atitude externa, também existe um relacionamento com o objeto interno, uma atitude interna [...]. Todas aquelas inibições ocasionais, caprichos, humores, sentimentos vagos e fragmentos de fantasias que às vezes perturbam o trabalho de concentração e o repouso da pessoa normal [...] e que racionalizamos como provenientes de causas corporais ou de outros motivos, não tem, em geral, sua razão nas causas que lhes são atribuídas pela consciência, mas são percepções de processos inconscientes [...] A atitude interna corresponde, pois, a um complexo funcional tão determinado quanto a atitude externa. (JUNG, 2017f, 6, § 756, p. 426-427)

Na relação persona e alma ocorre, geralmente, uma relação de oposição compensatória. Quando a persona se apresenta de maneira extremamente rígida, intelectualizada, as chances são de que sua alma seja romântica e sensível e vice-versa.

A desconexão entre mulher (consciência de um eu situada num corpo biológico) e feminilidade (expectativa social) pode ser descrita, então, como um fenômeno que diz respeito à persona. Tal desajuste, no entanto, será ou não percebido por esta mulher como problemático nos termos da sua relação com sua própria alma. Poder-se-ia dizer que estas mulheres estariam em conflito com seu inconsciente, seu corpo em desconexão com a alma. E isto geralmente atrapalha as relações do dia a dia.

Se a persona for intelectual, a alma será sentimental com toda certeza. O caráter complementar da alma atinge também o caráter sexual, conforme pude constatar muitas vezes. Mulher muito feminina tem alma masculina; homem muito masculino tem alma feminina. Deve-se este contraste ao fato de o homem não ser plenamente viril em todas as coisas, mas possuir, em geral, certos traços femininos. Quanto mais viril sua atitude externa, mais suprimido são os traços femininos, aparecem, então, no inconsciente. Isto explica por que homens bem masculinos estão sujeitos a certas fraquezas bem características; comportam-se para com as moções do inconsciente com a determinabilidade e impressionabilidade feminina. Por sua vez, as

mulheres mais femininas apresentam quase sempre, em relação a certas coisas internas, uma ignorância, teimosia e obstinação tão grandes que só poderíamos encontrar na atitude externa feminina, tornam-se qualidades da alma. Se com relação ao homem, falarmos de anima, deveríamos logicamente falar de animus com relação à mulher. (JUNG, 2017f, 6, § 759, p. 429)

A sociedade atual encoraja comportamentos e pensamentos considerados pragmáticos, comprováveis e pontuais, que se encontram associados com o universo do lógico do masculino e, em uma relação oposta, minimiza as questões do universo feminino, considerando-as secundárias, de menor valor. É um contexto que se reflete no mercado de trabalho, nas práticas domésticas, e em outras atividades e que predispõe às mulheres a se cobrarem na valorização de princípios da racionalidade, objetividade e desdenharem, inconscientemente ou não, daquilo que consideram feminino.

Na sociedade atual, uma persona moldada nas imagens tradicionais de feminilidade pode, pois muitas vezes, ser percebida como inconvenientemente frágil e insegura no modo de trajar, de se relacionar, ou até mesmo no linguajar.

Se observarmos que a mulher, já na segunda metade do século XIX, começou a assumir profissões masculinas, a tomar parte ativa na política, a fundar associações e dirigi-las etc., será fácil constatar que está pronta a romper com um padrão de sexualidade essencialmente feminino, de inconsciência e passividade aparentes, e fazer uma concessão à psicologia masculina, para erigir-se em membros visível da sociedade. A partir daí ela não precisa mais dissimular-se atrás da máscara de Sra. Fulana de Tal, para conseguir que o homem satisfaça todos os seus desejos, ou para fazê-lo sentir que as coisas não estão correndo como ela deseja. [...] Este passo para a autonomia social foi uma necessária resposta aos fatores económicos e outros, mas não passa de um sintoma, não sendo o ponto central da questão. (JUNG, 2017c, 10/03, § 242, p. 128)

Esse contexto histórico explica o posicionamento da mulher em relação ao feminino e a perpetuação de uma visão depreciativa daquilo que pertence ao campo do feminino. Não só pelos homens, mas, também e especialmente, pelas próprias mulheres. Para algumas mulheres, se faz necessário uma ruptura desses estigmas, uma força que volte a mulher ao feminino como escolha, nada imposto pela sociedade e nem pelas forças do inconsciente.

Segundo Jung (2017b, 9/2), anima/animus são funções psíquicas de caráter arquetípico que são inconscientes e coletivos. Podem ser conhecidos de forma indireta através da projeção ou atuação. Quando se fala da projeção da anima/animus, em mulheres que sentem uma desconexão com a feminilidade,

temos como exemplo os casos de mulheres que se sentem intimidadas pelos estereótipos colocados por modelos idealizados pela mídia. Acreditam que estão tão distantes destas exigências, que não conseguem nem se relacionar com essas imagens: “não sou, ou não me identifico, com aquilo que é esperado de mim”. São mulheres que podem sentir uma ausência de vontade em exercer papéis socialmente vinculados à figura feminina, tais como a maternidade ou o casamento e se questionam sobre origem e a legitimidade da afirmação do seu poder pessoal no mundo.

O duplo vínculo da autoridade feminina aparece pela primeira vez na adolescência. Se as jovens mulheres reivindicarem sua autoridade de maneira muito direta elas serão vistas como "demais" — emocionais demais, atrevidas demais, intelectuais demais, agressivas demais ou masculinas demais. Por outro lado, caso neguem sua autoridade, elas serão tratadas como "pouco demais" - dependentes demais, fracas, imaturas ou até mesmo emocionalmente perturbadas. Independentemente do quanto uma mulher maneje com sua autoridade, inevitavelmente ela será mal interpretada porque toda a questão envolve um duplo vínculo [...] Como as pessoas do sexo feminino são socializadas para serem marginais ou secundárias aos homens, o complexo contra-sexual de forças, inteligência e competência é dissociado ou projetado em pessoas do sexo masculino e em instituições. As mulheres jovens identificam-se então como defeituosas, problemáticas, fracas ou incompetentes. De modo geral, as mulheres adolescentes subestimam suas capacidades e virtudes e sua auto-estima depende dos atributos de sua aparência (caso sintam que não possuem estes atributos, então sua auto-estima cai). (EISENDRATH, 2002, p. 222)

A personalidade da mulher, quando se manifesta de forma marcante e positiva, pode passar a representar-se a partir de características "Yang" ou seja, aspectos mais propositivos e masculinos. Seria isso um problema? Seja ele de cunho social ou psicológico?

Em termos psicológicos, a questão está em estabelecer a proporção em que sua atuação é inconsciente, advinda do seu animus ou não. Quando desconectadas das representações esperadas de feminilidade no seu contexto social, questiona-se a influência do animus nessas mulheres, especialmente ao tratar da maneira, animosa ou não, defensiva ou não, pela qual se relacionam com os diversos opostos psicológicos que se apresentam. Quando essa mulher tem características do animus muito acentuadas, externaliza de forma inconsciente atributo mais inerentes do contexto masculino.

A mulher tomada pelo animus corre sempre o risco de perder sua feminilidade, sua persona adequadamente feminina [...] Tais transformações

psíquicas do sexo explicam-se pelo fato de que uma função interior se volta para fora. O motivo desta perversão é, naturalmente, a insuficiência ou o desconhecimento total do mundo interior, que se ergue, autônomo, em oposição ao mundo exterior; as exigências de adaptação ao mundo interior igualam às do mundo exterior. (JUNG, 2015, 7/2, § 337, p. 100)

Como se viu, para Jung, quando agindo inconscientemente, ou o indivíduo atua ou projeta. Em ambos os casos, trata-se de uma desconexão para a qual Jung apresenta possibilidades um tanto negativas.

Uma armadilha característica do animus que deve ser individual e coletivamente evitada é exemplificada pelo movimento feminista e na atividade feminista, que pretende reivindicar direitos iguais para as mulheres pela identificação com os valores masculinos, subestimando e destruindo aquilo que a mulher realmente é e pode vir a ser. Deve-se especular sobre a possibilidade de que talvez não haja nenhum padrão arquetípico disponível na cultura cristã ocidental – isto é, nenhum padrão arquetípico que tenha sido aceito por essa cultura – que tome certos tipos de mulheres capazes de encontrar sua verdadeira individualidade em termos de sua feminilidade. (WHITMONT, 2014, p.190)

Dizer que as mulheres estão cindidas de sua natureza equivale a dizer que a consciência está cindida do inconsciente. Numa lente mais otimista, no entanto, nada indica que a cisão seja total ou irrevogável: a psique se transforma. É da natureza do humano se adaptar ao meio, assim como modificá-lo.

A rejeição básica e a denigração dos valores femininos quando comparados aos masculinos é a herança de nossa cultura historicamente patriarcal. Isso resultou numa situação em que o problema da individuação feminina tornou-se uma tarefa pioneira que talvez tenha servido para conduzir a um novo período de cultura. As imagens arquetípicas que surgem durante o processo de individuação da mulher moderna aludem com frequência a forças pré-judaico-cristãs, como os temas gregos de Dioniso-Ariadne, Deméter-Perséfone ou Eros-Psiquê, ou a rituais dos celtas ou das sacerdotisas caldéias. Portanto, o problema de lidar com o animus contém uma dificuldade histórica adicional, além da dificuldade que é comum a ambos os sexos quando confrontam os arquétipos da psique objetiva. (WHITMONT, 2014, p. 190)

Padrões sociais mudam. É possível perceber nos encontros e desencontros atuais, um esforço coletivo de reaproximação do feminino. É um movimento passa pela valorização da mulher como indivíduo, na sua essência e com os atributos que a fizeram ser mulher como é celebrando suas singularidades. Os homens, por outro lado, que também sofreram as consequências deste desequilíbrio histórico, ao terem aspectos como empatia, intuição e criatividade desencorajados, surgem como vetores de transformação igualmente significativos.

Querer direitos iguais no campo do trabalho não significa querer necessariamente ter traços masculinos, mas sim poder ter as duas coisas, o reconhecimento e a liberdade para ser quem se é.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou identificar elementos da obra de Jung que auxiliassem uma melhor compreensão do fenômeno da mulher contemporânea que se percebe em conflito com a sua feminilidade. Ao longo desse percurso, foram apontados fatores internos e externos que contribuem nesta dinâmica.

Um exemplo atual sobre como a sociedade valoriza aspectos masculinos e considera como secundário o feminino, foi um fato noticiado no Jornal Eletrônico G1, no dia 13 de agosto de 2018, com o título: “Concurso da PM do Paraná tem ‘masculinidade’ como critério em avaliação psicológica”. No edital do concurso, um dos critérios estabelecidos para a admissão foi o atendimento do critério de “Masculinidade”. Segundo a PM, esta seria importante indicação da estabilidade emocional e capacidade de enfrentamento do candidato.

A visão da sociedade sobre a importância masculinidade fica transparente quando exposta em edital. Outro ponto de destaque da publicação, foi o item “Amabilidade” exigir um nível baixo de atingimento. A desvalorização desta, que é considerada uma característica feminina, completa a análise acerca da importância dos aspectos femininos e masculinos para a sociedade. No mesmo dia, o G1 publicou uma nova reportagem sobre a retificação da PM no edital do certame, substituindo o termo “masculinidade” por “enfrentamento”.

Vai chegar um dia quando a voz de uma mulher não precisará se disfarçar com roupagem masculinas. Nem os homens precisarão se disfarçar em uma roupagem feminina. Existe uma coisa chamada roupagem humana. Essa roupagem é o casamento interno. A vida não vivida de homens e mulheres irá se tornar a fonte da vida no momento em que a consciência nos libertar do poder patriarcal. (WOODMAN, 2006, p. 138)

O momento histórico coloca os aspectos do feminino em segundo plano. Considerando que, na sociedade atual, os aspectos masculinos são mais prestigiados (tanto para homens como para mulheres) e que os atributos femininos são menos reconhecidos, compreende-se como a mulher, para sentir que possa ter igualdade em seus valores e direitos, abra mão de sua feminilidade para se equiparar com o masculino. Na busca, consciente ou não, por reconhecimento, se

comportam cada vez mais guiadas por valores masculinos, demandados pela sociedade.

A psique masculina tende a ser mais bem representada pelo princípio do logos, da razão, do pensamento, no âmbito das abstrações. A experiência material trazida pela alma, possibilita um contato com uma dimensão oposta, mas concreta, direta e sensorial do mundo. Os meios de relacionamento social da atualidade são muito pautados no princípio masculino, que não faz questão da aproximação material entre corpos, mas de um conjunto de instruções e relatos verbais, como nas redes sociais. O contato frente a frente, entre seres humanos, já não é mais tão conscientemente valorizado. Contudo, a psique é histórica e não perdeu a sua compulsão pela realização de tendências do passado. O homem sente a necessidade da ligação com a matéria, mesmo que não consiga compreender. (BUENO; CHAGAS, 2016, p. 84)

Exteriormente, os principais obstáculos que a mulher encontra na contemporaneidade estão nos conceitos da sociedade em que ela própria está inserida. Reproduzindo ideias patriarcais, que colocam os aspectos do feminino como secundários, as próprias mulheres relegam suas emoções a um plano hierarquicamente inferior. Ao mesmo tempo, são fortemente valorizados os aspectos da feminilidade atrelados aos conceitos de valor do universo do masculino relacionados a autoimagem, como o corpo as maquiagens, as plásticas, o rejuvenescimento e outros.

[...] somos todas filhas do patriarcado e, embora estejamos nos tornando mais conscientes da opressão, precisamos abrir nossos olhos para a projeção de nossa inteligência, força e sentimento nos homens. Precisamos também nos responsabilizar por nosso próprio conluio inconsciente com a tirania. Lutar por nossas liberdades no mundo dos negócios, nos tribunais, nas universidades e na política é importante, porém, vitórias públicas são apenas band-aids enquanto o mundo privado estiver acorrentado [...] pois o patriarcado não pode mais ser identificado com os homens. As mulheres podem ser igualmente patriarcais. Os homens não têm nenhum monopólio sobre o complexo de poder. (WOODMAN, 2006, p.144-145)

Apesar dos progressos e conquistas de direitos, desde o voto até ao divórcio, é notável que o modelo ocidental de cultura não forneceu, até a contemporaneidade, nenhum padrão que pudesse corresponder inteiramente aos anseios da mulher, manifestados desde os primeiros movimentos feministas.

Muito ainda precisa ser discutido sobre feminino, feminilidade e a mulher na contemporaneidade. Trata-se de tema complexo, que o presente trabalho não tem a pretensão de esgotar, mas tão somente de trazer à luz alguns questionamentos.

Neste processo, ainda em andamento, a sociedade não oferece à mulher condições que facilitem esta adaptação, portanto este trabalho deve ser feito, também, internamente, ou seja, buscar, de forma permanente, o equilíbrio entre masculino/feminino, consciente/inconsciente, corpo/alma.

## REFERÊNCIAS

BUENO, Igor d. A. F.; CHAGAS, Lunalva F. Relações arquetípicas entre a alma de Carl Jung e a figura da Deusa primordial. **Cadernos Junguianos**, Valinhos, v. X, n.12, p. 72-89, mês 2016.

EISENDRATH, Polly Y. Gênero e contra-sexualidade: a contribuição de Jung e além. In: DAWSON, Terence; \_\_\_\_\_. **Manual de Cambridge para estudos junguianos**. São Paulo: Artmed, 2002, p. 213-223.

HILLMAN, James. **Anima: anatomia de uma noção personificada**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. 2. reimp. alt. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JUNG, Carl G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2017a. 16/2 v. (Obra Completa)

\_\_\_\_\_. **Aion: Estudos sobre o simbolismos do Si-mesmo**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2017b. 9/2 v. (Obra Completa)

\_\_\_\_\_. **Civilização em transição**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2017c. 10/03 v. (Obra Completa)

\_\_\_\_\_. Introdução. In: HARDING, M. Esther. **Os mistérios da mulher**. São Paulo: Paulus, 1985. p.16-19

\_\_\_\_\_. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.

\_\_\_\_\_. **Mysterium coniunctionis**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2017d. 14/1 v. (Obra Completa)

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento da personalidade**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2017e. 17 v. (Obra Completa)

\_\_\_\_\_. **O eu e o inconsciente**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 7/2 v. (Obra Completa)

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 9/1 v. (Obra Completa)

\_\_\_\_\_. **Tipos psicológicos**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2017f. 6 v. (Obra Completa)

JUNG, Emma. **Animus e anima**. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PLATÃO. **O banquete**. [S. l.]: Virtual Books, 2000. Disponível em: <<http://br.egroups.com/group/acropolis/>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

SHARP, Daryl. **Léxico junguiano**: dicionário de termos e conceitos. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

WHITMONT, Edward C. **A busca do símbolo**: conceitos básicos de psicologia analítica. São Paulo: Cultrix, 2014.

WOODMAN, Marion. **O noivo devastado**: a masculinidade das mulheres. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. **Vício da perfeição**. São Paulo: Summus, 2002.